



Arivaldo Vicentini/AE

Colette Dowling: "O excesso de trabalho serve para compensar frustrações"

Colette vende 'Perfeição' em SP

LINA DE ALBUQUERQUE

Com seus surrados sapatinhos de cristal guardados no fundo do baú, a Gata Borracheira trocou a dependência do príncipe encantado pela obsessão de ser perfeita. A escritora e jornalista norte-americana Colette Dowling, autora do best-seller internacional **Complexo de Cinderela**, traduzido para 17 línguas, está em São Paulo para falar sobre a sua segunda investida no terreno da "conversa de mulher para mulher". O **Complexo de Perfeição**, da editora Record, nasceu na cauda do seu primeiro sucesso (hoje com mais de dois milhões de exemplares vendidos) que a transformou, do dia para a noite, numa popularíssima autoridade em mulheres dependentes.

Longe de ser reverenciada por sociólogos e psicólogos, Colette fez questão de iniciar a sua entrevista no meio da tarde de ontem, no Hotel Maksoud, deixando claro que, como da outra vez, não teve intenção de produzir nenhum tratado científico. O motivo "número um" que a fez atravessar novamente longas madrugadas debruçada numa máquina de escrever foi a súbita revelação de que a sua "filha exemplar" Gabrielle, então com 23 anos, abandonara os estudos e estava sofrendo de bulimia, aquela doença cujas viti-

mas comem demais e vomitam. A escritora só demorou a se dar conta do fato porque havia se tornado, naquele período, uma **workaholic compulsiva**, às voltas com os encargos da repercussão da sua obra.

Autora de "Complexo de Cinderela" lança livro sobre mulheres viciadas em trabalho

Colette aprendeu a conviver com seus sofrimentos escrevendo. O **Complexo de Cinderela**, conta, somente foi escrito para que ela pudesse livrar-se da "detestável síndrome da dependência masculina" — na época o seu segundo marido disse estar desgostoso com a conduta dela que, sem perceber, foi deixando de lado o trabalho para dedicar-se exclusivamente à família. Da mesma forma, o seu segundo complexo, o da perfeição, precisava ser superado. A diferença é que Colette não se considera mais Cinderela, embora ainda seja perseguida pela mania de ser perfeita. Esta síndrome, paradoxalmente, começou a acentuar-se à medida que começou a compilar as primeiras entrevistas com cerca de 100

mulheres americanas: ela temia que o novo livro não fosse tão glorioso como o anterior. "O excesso de trabalho, também no meu caso, é uma tentativa de compensar as frustrações pessoais", diagnostica.

Aos 51 anos, separada do segundo marido desde janeiro, Colette está hoje pela primeira vez vivendo sozinha, num casarão em Woodstock, perto de Nova York, onde moram os seus três filhos. Recentemente, ela também levantou-se definitivamente de um divã psicanalítico onde deitara por 15 anos. "Tenho certeza de que estou diante de uma das etapas mais importantes da minha vida", assinala.

Esta nova fase, porém, às vezes lhe prega surpresas engraçadas. No começo do ano, ela decidiu ir desacompanhada a um baile na Flórida. O porteiro achou esquisito: "Mulher sozinha não entra", avisou. Mas ela, complexo de Cinderela vencido, insistiu e entrou. Os garçons imediatamente a colocaram na única mesa em que estavam apenas duas mulheres. Colette saudou-as amigavelmente: "Aqui estamos, três donzelas solitárias num baile", brincou. Ela estava redondamente enganada — a dupla formava um casal homossexual. "E eu era novamente a única dama sem par da festa", diverte-se.